

**CARTAS A LUCÍLIO: DOCTRINAÇÃO FILOSÓFICA ESTÓICA A PARTIR DE SÊNECA**

Fabiana Lopes da SILVEIRA  
(Orientadora): Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

**RESUMO:** Buscamos nesta apresentação, fruto dos primeiros passos de nosso estudo, considerar a doutrinação filosófica observável nas *Cartas a Lucílio* do autor romano Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.- 65 d.C.). Nessa obra, deparamo-nos com um mestre do Estoicismo que orienta seu discípulo, Lucílio, a viver de acordo com essa escola filosófica fundada no período helenístico. O processo de orientação senequeano apresenta diversos pontos notáveis, dos quais elegemos comentar brevemente três: possíveis vantagens decorrentes da escolha do gênero epistolar, no que concerne à relação mestre-discípulo; um uso constante de imagens, que ilustram as idéias apresentadas; e, finalmente, algumas questões acerca do confronto entre contemplação e ação na Filosofia, o qual incita interessantes reflexões sobre o Estoicismo em si desenvolvido em Roma daquela época.

**Palavras-Chave:** Estudos Clássicos; Latim; Sêneca; Estoicismo; Doutrinação Filosófica.

Nosso trabalho parte de uma leitura preliminar de algumas epístolas<sup>1</sup> constantes nas *Cartas morais a Lucílio (Epistulae Morales ad Lucilium)*<sup>2</sup>, do autor romano Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.- 65 d.C.)<sup>3</sup>. Trata-se de uma leitura ainda panorâmica, que é interessada, mais centralmente, no processo de doutrinação filosófica a que a referida obra senequeana se propõe. Visando à clareza, teceremos primeiramente breves comentários introdutórios sobre o autor, a escola filosófica e a obra que aqui estudamos.

Sêneca, também chamado de “Sêneca, o Jovem” (epíteto que o distingue de seu também célebre pai, o retórico “Sêneca, o Velho”<sup>4</sup>), foi um homem atuante na política, bem como nas letras e na filosofia desenvolvida no Império Romano durante o século I d.C. Suas obras remanescentes abrangem diversos gêneros, desde tragédias, passando por tratados filosóficos e científicos, até as epístolas que compõem a obra em estudo<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Mais diretamente empregadas nesta exposição foram as Epístolas 1, 7, 9, 10, 11, 12, 22, 24, 84, 87, 94 e 106.

<sup>2</sup> Citaremos a obra a partir da tradução de Segurado e Campos, publicada na edição portuguesa SÊNECA, L. A. *Cartas a Lucílio* da editora Calouste Gulbenkian (=SENECA, 2004). Transcrevemos o texto latino senequeano da Oxford U. P., editado por L. D. Reynolds.

<sup>3</sup> CONTE, G.B. (1987), p. 408-409.

<sup>4</sup> Também o pai se chamava Lúcio Aneu Sêneca (c. 55 a.C.- morto entre 37 e 41 a.C.), cf. HOWATSON (1997).

<sup>5</sup> Sobre a denominação e produção senequeana, consultar HERINGTON (1982, p. 511-532).

Esta é considerada por muitos estudiosos<sup>6</sup> um dos mais importantes legados de Sêneca, importância geralmente explicada por se situar “cronologicamente entre as produções da última fase do autor”<sup>7</sup>, refletindo, “portanto, a forma mais amadurecida do seu pensamento”<sup>8</sup>. Sem entrarmos no mérito da influência da biografia sobre a obra, é digno de nota que o contato com o texto das *Cartas senequeanas* já evidencia seu valor literário e filosófico.

Trata-se de 124 epístolas<sup>9</sup> divididas em 21 livros (o 22º livro reúne apenas fragmentos de outras cartas), escritas por Sêneca para seu discípulo Lucílio, com a finalidade de ensinar a este como viver segundo os princípios da Filosofia Estóica.

Como se sabe, o Estoicismo se origina no Período Helenístico (que vai da morte de Alexandre o Grande, em 323 a.C., até a vitória de Octaviano sobre Marco Antônio na batalha de Ácio, em 31 a.C.<sup>10</sup>), e teve como fundador Zenão de Cítio. Entre 301 e 300 a.C.<sup>11</sup>, esse filósofo começou a apresentar seus discursos filosóficos no pórtico, (στοά em grego; daí “estoicismo”<sup>12</sup>) em Atenas. Zenão compõe, juntamente com Cleantes e Crisipo, a primeira fase dessa escola filosófica, entre os séculos IV e III a.C.; ao passo que a segunda é composta por Diógenes, Antípatro, Panécio e Posidônio, entre II e I. a.C. Já a terceira fase, que vai do século I até o II d.C, tem como principais representantes Quinto Sêxtio, Cláudio, Marco Aurélio, além do nosso Sêneca<sup>13</sup>

Nas cartas que consultamos, dentre os aspectos recorrentes no estoicismo senequeano, chamou-nos atenção a ênfase na postura a ser adotada pelo homem que busca a sabedoria<sup>14</sup>, postura essa que deve ser mantida em diversas atitudes: o desprezo à morte, que é apresentada como algo que não deve ser temido em

---

<sup>6</sup> CONTE, G.B (1987), p. 413: “The principal work among his late writings and the one that is unquestionably the most famous”. Cf., ainda LONG (1974), p. 233; SEGURADO E CAMPOS, (2004), p. V.

<sup>7</sup> SEGURADO E CAMPOS em sua introdução para SÊNECA (2004) p. V.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, p.V.

<sup>9</sup> Não entraremos no mérito de distinguir se Sêneca escreveu cartas ou epístolas. Assim, quando utilizarmos o primeiro ou o segundo termo, referimo-nos à mesma coisa. Para uma visão resumida sobre as distinções já propostas, cf. BRAREN (1999).

<sup>10</sup> LONG (1974): p. 1.

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 109.

<sup>12</sup> Como vemos no dicionário BAILLY (1963), sob o verbete *στοά*, no sentido I, temos, além do sentido mais geral de “portique ou galerie à colonnade”, um significado mais concernente a Atenas (“particul. à Athènes”), no qual se associa o termo mais diretamente ao estoicismo: quer ao pórtico onde o fundador da escola ensinava (“le portique orné de peintures ou Pœcile, où enseignait Zénon, d’où: οι εχ τη στοας, LUC. V. auct. 20 ou απο της στοας, PLUT. M. 879 a.), quer, por metonímia, aos filósofos estóicos (les philosophes du Portique, c. à d. les Stoiciens”).

<sup>13</sup> Tal divisão das fases do estoicismo pode ser encontrada em NOVAK (1999) p. 259.

<sup>14</sup> Sobre o assunto, vamos consultar mais minuciosamente a dissertação de Mestrado de BREGALDA (2006).

circunstância alguma<sup>15</sup>; a ação condizente com aquilo que se defende através das próprias palavras<sup>16</sup>; o desprezo pela riqueza material<sup>17</sup>; agir-se tranqüilamente em qualquer situação que a natureza nos proporcionar<sup>18</sup>. Todos esses aspectos podem ser considerados mera decorrência daquilo que Sêneca parece colocar como a mais importante busca do ser humano: a da virtude<sup>19</sup>.

Chamou-nos a atenção, contudo, o modo como tais idéias são transmitidas ao discípulo. No processo de doutrinação construído por Sêneca ao longo das *Cartas* a Lucílio, alguns aspectos das cartas tornam evidente a preocupação com a efetividade do aprendizado filosófico. Um deles é a possível vantagem (no que concerne à relação mestre-discípulo) decorrente do uso do gênero epistolar. Outro aspecto estilístico (que não é necessariamente epistolar) das cartas senequeanas que nos saltou aos olhos é o uso constante de imagens, que ilustram as idéias apresentadas. Finalmente, notamos que Sêneca tematiza em certas passagens algumas questões acerca do confronto entre contemplação e ação na Filosofia, o qual incita refletir sobre esse aspecto no Estoicismo em si.

### Gênero Epistolar e Filosofia

A consideração do gênero epistolar escolhido por Sêneca precisa levar em conta características presentes na composição prosaica senequeana em geral. Vale lembrar que esta foi, durante muitos anos, pouco valorizada, provavelmente já em decorrência do julgamento de certos autores antigos, como Quintiliano, cuja influência sobre nossas distinções acerca da produção literária ocidental é inegável<sup>20</sup>. Tal desprezo provém da constatação de que Sêneca, como afirma Herington, “ao mesmo tempo negligenciou e desprezou os modelos antigos, substituindo-os por uma maneira de escrever que era completamente sua”<sup>21</sup>.

Estudiosos reconhecem que tanto nas cartas, quanto em suas outras obras, são visíveis certas inovações mencionadas por Quintiliano, tais como o uso de sentenças curtas, escassas subordinações e o constante emprego da primeira e da segunda pessoa do singular.<sup>22</sup> Tais preferências senequeanas, compatíveis com o

---

<sup>15</sup> Cf. por exemplo, *Ep.* 22, 16.

<sup>16</sup> Sobre pôr em prática o que se diz, cf. por exemplo: *Ep.* 24, 15.

<sup>17</sup> Sobre o desprezo pela riqueza material, cf. por exemplo: *Ep.* 16, 8.

<sup>18</sup> Sobre a tranqüilidade em qualquer situação, cf. por exemplo: *Ep.* 101, 9.

<sup>19</sup> Sobre a busca da virtude, cf. por exemplo: *Ep.* 94, 68.

<sup>20</sup> QUINTILIANO, *Institutio Oratoria* X, 1. 125-31. Sobre a passagem referente a Sêneca, cf. HERINGTON (1982), p. 512.

<sup>21</sup> HERINGTON (1982, p. 512). As traduções do inglês são nossas.

<sup>22</sup> Cf., como exemplo, HERINGTON (1982, p. 515).

gênero epistolar, tornam-no potencialmente adequado ao estilo próprio do nosso autor, como afirma Herington (1982), p. 518:

As *Epístolas* têm sido constantemente o mais popular de seus trabalhos, o que é compreensível; Sêneca aqui finalmente descobriu o meio literário que se encaixava com seu gênio. A falta de forma, a espontaneidade, o poderoso exercer da personalidade do escritor sobre o leitor, são ao mesmo tempo naturais a Sêneca e à carta.

I. Braren (1999) por sua vez, aponta uma adequação não precisamente entre o estilo das cartas e o das obras de Sêneca como um todo, mas sim entre as convenções próprias da epistolografia antiga e uma doutrinação filosófica. Dessa forma, segundo a estudiosa, haveria nos traços característicos do gênero adotado algo que contribui para o sucesso da orientação de um discípulo, já que aquele permite “oferecer doutrinação filosófica sem o necessário rigor de um plano de redação de um tratado filosófico”<sup>23</sup>.

Nossa impressão é que, de fato, essa suposta falta de rigor, por vezes apontada como a característica menos feliz da obra filosófica senequeana, torna-se um dos ingredientes para o triunfo das *Cartas*. A estrutura de uma epístola, menos “rígida” que a de um tratado, bem como sua coesão mais “frouxa” permitem um texto mais facilmente apreensível, proporcionando-lhe uma acessibilidade que, por assim dizer, quase leva o interlocutor pela mão, inserindo-lhe dentro do discurso e efetuando uma didática assaz agradável.

*Vindica te tibi* (“reivindica-te a ti mesmo”, *Ep.* 1, 1): nesta oração, que abre a primeira das epístolas, nota-se, como já se apontou, a presença de pronomes pessoais, de efeito enfático em latim, a qual tira o interlocutor de sua latência, trazendo para a superfície a importância de sua participação no diálogo, a qual é ainda mais reconhecível quando falamos a respeito de doutrinação.

Desse modo, parece-nos claro que aspectos lingüísticos (desde os lexicais até os estruturais, como as formas de coesão e coerência na argumentação) precisam ser levados em conta no exame de cada carta a ser efetuado durante os próximos passos do estudo da doutrinação filosófica empreendida por nosso autor.

## **Imagens e Filosofia**

Ainda no que concerne a aspectos formais das “Cartas”, é interessante ressaltar a contínua construção de imagens e metáforas, potenciais ajudantes no processo do aprendizado, visto que podem fazer do abstrato, algo palpável; do

---

<sup>23</sup> BRAREN (1999, p. 39).

conceitual, algo concreto. Esse recurso didático é muito característico em Sêneca<sup>24</sup>, e pode ser observado em muitas passagens, como nas seguintes, que tratam do tempo de maneira bastante imagética<sup>25</sup>:

*quaedam tempora eripiuntur nobis, quaedam subducuntur, quaedam effluunt*  
Alguns momentos nos são tirados, outros surrupiados e outros simplesmente passam (Ep. 1, 2)

*omnes horas conplectere*  
Abraça todas as tuas horas. (Ep. 1, 3)

Nas próximas, vemos o uso de imagem geométrica para tratar da moral e da existência:

*opus est, inquam, aliquo ad quem mores nostri se ipsi exigant: nisi ad regulam prava non corriges.*

Temos a necessidade, repito, de alguém por cujo caráter procuremos afinar o nosso: riscos tortos só se corrigem com a régua! (Ep. 11, 10)

*unus autem dies gradus vitae est. Tota aetas partibus constat et orbis habet circumductos maiores minoribus (...)*

Aliás, um dia é um degrau na vida. Toda a nossa existência consta de partes, de círculos concêntricos em que os maiores abarcam os menores (...) (Ep. 12, 6)

A imagem da Filosofia como “medicina da alma”:

*quaedam non nisi a praesente monstrantur; non potest medicus per epistulas cibi aut balinei tempus eligere: vena tangenda est.*

Ora há coisas que só estando presente te posso indicar! O médico também não pode determinar por carta a hora adequada para a alimentação ou para o banho: tem de tomar o pulso do doente. (Ep. 22, 1)

Imagens do mundo natural servem de parâmetro para a atividade intelectual e para a atitude do homem quanto às emoções, como mostram os dois excertos abaixo:

*nec scribere tantum nec tantum legere debemus (...) invicem hoc et illo commeandum est et alterum altero temperandum, ut quidquid lectione collectum est stilus reditat in corpus. apes, ut aiunt, debemus imitari, quae vagantur et flores ad mel faciendum idoneos carpunt, deinde quidquid attulere disponunt ac per favos digerunt (...).*

---

<sup>24</sup> Cf. ARMISEN-MARCHETTI (1989).

<sup>25</sup> Sobre o uso de imagens associadas ao tempo, cf. BREGALDA (2004).

Não devemos limitar-nos nem só à escrita, nem só à leitura (...) Devemos alternar ambas as actividades, equilibrá-las, para que a pena venha a dar forma às ideias coligidas das leituras. Como se dizer-se, devemos imitar as abelhas que deambulam pelas flores, escolhendo as mais apropriadas ao fabrico do mel, e depois trabalham o material recolhido, distribuem-no pelos favos (...). (Ep. 84, 2)

*Itaque indolentiam numquam bonum dicam: habet illam cicada, habet pulex. ne quietem quidem et molestia vacare bonum dicam: quid est otiosius verme?*

Nunca direi, por exemplo, que a insensibilidade é um bem: quer a cigarra quer o pulgão são dotados dela! Nem sequer chamarei um bem ao repouso ou à ausência de desgostos: há bicho mais repousado que um verme?" (Ep. 87, 19)

Refletindo sobre o uso dessas imagens, podemos supor que, por meio delas, haveria também uma tentativa por parte do filósofo em mostrar, evidenciar, o fato de que aquilo que se expõe teoricamente deve estar constantemente vinculado à prática. Esta hipótese de “materialização” do conhecimento apreendido, a qual ainda precisamos investigar de modo mais aprofundado,<sup>26</sup> nos remete ao último aspecto a ser abordado neste texto: a problemática dos liames entre contemplação e ação dentro da Filosofia Estóica.

### **Prática e teoria nas *Epístolas***

A relação entre teoria e prática na filosofia desenvolvida nas *Cartas* a Lucílio é um ponto bastante complexo, pois traz à tona controversas questões, dentre as quais ressaltamos duas: a participação do filósofo na vida cívica, e o confronto entre escola e vida.

No que concerne à ação do filósofo na sociedade, lembremos da recorrente afirmação de que, ao contrário dos epicuristas, os estóicos aconselhavam a participação do sábio na vida da cidade<sup>27</sup>. A tal ideia parece se contrapor a própria postura que Sêneca assume em algumas de suas epístolas, como a seguir:

*Quid tibi vindandum praecipue existimes quaeris? turbam. nondum illi tuto committeris. ego certe confitebor inbecillitatem meam: numquam mores quos extulti refero; aliquid ex eo quod composui turbatur, aliquid ex iis quae fugavi redit.*

Queres saber qual é a coisa que com maior empenho deves evitar? A multidão! Ainda não estás em estado frequentá-la em segurança. E confesso-te sem rodeios a minha própria fraqueza: nunca regresso com o mesmo carácter com que saí de casa;

---

<sup>26</sup> Para tanto, será fundamental consultar com mais vagar ARMISEN-MARCHETTI (1989).

<sup>27</sup> A respeito da distinção entre epicuristas e estóicos quanto a esse aspecto, cf. NOVAK (1999), p. 259 e Segurado e Campos in SÊNeca (2004), p. 18.

algo que já pusera em ordem é alterado, algo do que já conseguira eliminar, regressa!”  
(*Ep.* 7, 1)

Ou ainda:

*sic est, non muto sententiam: fuge multitudinem, fuge paucitatem, fuge etiam unum. non habeo cum quo te communicatum velim.*

É assim como te digo, não mudo de opinião: evita as multidões, evita os pequenos grupos, evita mesmo os indivíduos isolados. Não conheço ninguém com quem goste de te ver em comunicação. (*Ep.* 10, 1)

Como vemos, em ambos os excertos, o filósofo exorta seu discípulo a se afastar do convívio social. Essa defasagem entre tal exortação e a imagem transmitida pelos historiadores da filosofia do caráter participativo do filósofo estóico, no entanto, parece ser ameznada em outras passagens. Isso porque, outras cartas senequeanas (como a *Ep.* 5 por exemplo) deixam claro que, quando critica o convívio em meio à massa, Sêneca não está reprovando o convívio propriamente dito, mas sim a subordinação do indivíduo a tal convívio. O passo seguinte evidencia que o isolamento não seria necessariamente uma condição para o filósofo:

*“se contentus est sapiens.” hoc, mi Lucili, plerique perperam interpretantur: sapientem undique submovent et intra cutem suam cogunt. distinguendum autem est quid quatenus vox ista promittat: se contentus est sapiens ad beate vivendum (...)*

*“O sábio basta-se a si mesmo.”* Amigo Lucílio, muita gente interpreta incorrectamente esta máxima, afastando o sábio do mundo que o rodeia e reduzindo-o aos limites do seu corpo. Por conseguinte, é imprescindível distinguir bem o que significa, e qual o alcance desta frase: o sábio basta-se a si mesmo para viver uma vida feliz (...) (*Ep.* 9, 13)

Vemos, pois, que a autonomia está direcionada ao objetivo do filósofo: alcançar a sabedoria, de modo a ter uma vida feliz. Essa ênfase na vida se encontra também na célebre máxima senequeana *non uitae, sed scholae discimus* (“Estudamos para a escola, não para a vida!” *Ep.* 106, 12)<sup>28</sup>, lamento que tematiza precisamente a relação entre aprendizado e sua aplicação, entre teoria e prática.

A interpretação mais trivial, e aplicada atualmente nos mais diversos âmbitos, da máxima é clara: o estudo nada é se não for empregado na prática; caso não o seja, será apenas uma futilidade disfarçada, um desperdício. Tal

---

<sup>28</sup> Sobre a recepção dessa máxima, cf. TOSI (2000), p. 168.

preceito, se compatibiliza com a idéia, hoje comumente difundida, de que as escolas filosóficas fundadas no Helenismo se firmavam na prática.<sup>29</sup>

No entanto, a que ensino, a que prática e a que vida Sêneca se refere nessa máxima? A leitura dos excertos que prescrevem o isolamento nos insinua que não se trata necessariamente de atividades comumente consideradas úteis para o cotidiano social, como técnicas de manufatura de algum material<sup>30</sup>. Observemos que idéia semelhante à da Epístola 106 aparece também nos seguintes trechos:

*Haec in animum voluta, quae saepe audisti, saepe dixisti; sed an vere audieris, an vere dixeris, effectum proba; hoc enim turpissimum est quod nobis obici solet, verba nos philosophiae, non opera tractare.*

Medita continuamente nestas máximas, que aliás tens ouvido com freqüência, e que tu próprio muitas vezes tens repetido. Deves, porém, comprovar pela experiência a veracidade do que tens ouvido e do que tu mesmo tens dito. A pior crítica que nos podem fazer é a acusação de repetirmos as sentenças da filosofia sem pormos em prática os seus ensinamentos. (*Ep.* 24, 15)

Na passagem acima, fica claro que, em suas epístolas, Sêneca tem em vista o ensino filosófico. E o próximo excerto nos aponta que a ação a ser enfatizada se refere ao mesmo contexto, o âmbito da ética ou filosofia moral:

*in duas partes virtus dividitur, in contemplationem veri et actionem; contemplationem intuitio tradit, actionem admonitio. Virtutem exercet et ostendit recta actio.*

A virtude se reveste de dois aspectos: um, a contemplação da verdade; outro, a acção. O estudo teórico leva-nos à contemplação, a preceptística conduz-nos à acção. Uma acção justa exercita e revela a virtude. (*Ep.* 94, 45)

## Considerações finais

Uma apreciação mais adequada das passagens referidas e da relação entre elas não prescindirá da consideração de cada uma no contexto das cartas respectivas, a qual será o próximo passo de nossa investigação.

No entanto, neste contato preliminar com as *Epístolas a Lucílio* podemos já perceber que de um lado, aspectos estilísticos da obra (nomeadamente, a escolha pelo gênero epistolar, bem como o emprego recorrente e significativo

---

<sup>29</sup> Cf. por exemplo, NOVAK (1999), p. 260: “Aliás, é característica da nova fase do pensamento a atitude que Robin chama *indifférence spéculative*; predomina a preocupação prática; também os cínicos, os cirenaicos e os megáricos são pragmáticos: o saber nada é se não serve à acção(...)”.

<sup>30</sup> Cf. ainda *Ep.* 88.

de imagens) tendem a contribuir para o privilégio que a prática, o concreto, a ação (em relação à teoria e ao mero discurso) teriam, segundo apontam os estudiosos, na filosofia estóica, sobretudo em sua fase romana. Por isso, tais aspectos precisarão ser levados em conta para a compreensão da argumentação das cartas específicas.

Ao que parece, tal prioridade da prática, também expressa, de modo tão contundente, na máxima que confronta escola e vida (*Ep.* 106), não entra efetivamente em contradição com os excertos em que o filósofo exorta seu discípulo a afastar-se do convívio social (*Ep.* 7 e *Ep.* 10). Isso porque, como observamos, a prática visada concerne ao âmbito da filosofia moral, que tem como motivação a busca individual pela virtude. É dentro desse contexto da doutrinação filosófica senequeana que precisam ser, pois, compreendidas as máximas herdadas de nosso autor antigo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARMISEN-MARCHETTI, M. (1989) *Sapientiae facies. Études sur les images de Sénèque*. Paris: Les Belles Lettres.
- BAILLY, A. (1967) *Dictionnaire Grec/Français*. Paris: Hachette.
- BREGALDA, M. M. (2004) “Tempus em Sêneca: abordagem de um conceito chave”, *Phaos*, vol. 4, p. 39-57.
- BREGALDA, M. M. (2006) *Sapientia e uirtus: princípios fundamentais no estoicismo de Sêneca*. Dissertação de Mestrado, IEL, Unicamp.
- BRAREN, I. (1999) “Por que Sêneca escreveu epístolas?”, *Letras Clássicas* 3, pp. 39-44.
- CONTE, G. B. (1994) *Latin Literature: a History*. Baltimore and London: The Johns Hopkins U. P.
- ERKSINE, A. (2006) *A Companion to the Hellenistic World*. Malden: Blackwell Publishing.
- HERINGTON, C.J. (1982), “Seneca” in KENNEY; CLAUSEN (Ed.) *The Cambridge History of Classical Literature*. Cambridge: Cambridge U. P., pp. 511-530.
- HOWATSON, M. (1997) *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Oxford U. P.
- LONG, A. A. (1974). *Hellenistic Philosophy: Stoics, Epicureans, Sceptics*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- NOVAK, M. (1999) “Estoicismo e Epicurismo em Roma” *Letras Clássicas* 3, pp. 257-273
- QUINTILIAN. (2006) *Institutio Oratoria*. Trad. T. Reinhardt. New York: Oxford U.P.
- SENECAE, L. A. (1965) *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Oxford: Oxford U. P.
- SÊNECA, L. A. (2004) *Cartas a Lucílio*. Trad. de SEGURADO E CAMPOS, G. A. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- TOSI, R. (2000) *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. São Paulo: Martins Fontes.